

nenhum futuro:

dos 25 dias em que ele esteve empregado

Paulo Barbeto

Teu espelho olha de novo agora pra mim
E eu suspeito que estamos fodidos enfim

João e Francisco Bosco – “Nenhum futuro”

Cada médico tem seu paciente favorito. Negar isso é mentir para si próprio. Admito que o meu paciente favorito é um homem entre 50 e 60 anos com um humor ácido. Ele vem ao meu consultório há dois anos, mas nunca topou tomar medicação. Na primeira vez, após uma longa conversa, fiz essa proposta e quase apanhei. O homem saiu valente e prometeu nunca mais voltar.

No mês seguinte lá estava ele uma hora antes do combinado na recepção. E assim foi até bem pouco tempo, pois meu paciente favorito nunca confirmava sua ida, dizendo que não via necessidade em ir, mas estava presente uma hora antes do horário combinado no dia marcado. Eu passei a escutá-lo mais e vez por outra falava tangenciando sobre uma medicação quando o seu discurso autorizava, porém era repellido imediatamente.

Quando lhe perguntava como estava a vida, ele me respondia: “Tão bagunçada quanto o seu cabelo”. Quando a arguição partia para sua vida sentimental, ele me respondia: “O senhor tem partes com cartomantes e apresentadores de programas que gostam de juntar casais”. Eu aceitava esse humor crítico de bom grado e vez por outra retrucava na mesma moeda.

DIA 0

A/o amiga/o.

Na praia.

Amanhã começo a trabalhar na tal empresa.

A que seu tio te indicou?

Aham.

Tá animado?

pausa Esse baseado é pra hoje?

ela/e sorri Cracudo. Vou acender. Tá animado?

Diz que é assim que a gente consegue ter as coisas né.
Meu celular tá fodido há meses; começou com a tela rachada, depois o negócio descambou.
Não sei como ele ainda liga.

Trabalha pra comprar um novo. Já dá um fim pro teu primeiro salário.

Acho que vou precisar de mais de um salário pra conseguir comprar um.
riso doce de nervoso

Outro dia li uma pichação muito boa:
“Usuário de crack tem mais valor que usuário de iPhone”.

Tá querendo começar no crack agora?

Não. Só fico me perguntando se realmente quero um iPhone. Entende?

pausa Não.

pausa Nem eu.

Vai fumar ou não vai?

DIA 1

De começos: regras de convívio.

A/o colega de trabalho (idade para ser sua mãe, ou pai).

A gente aqui tem uma carga horária a cumprir, como toda empresa.

Mas o Vítor é um cara super tranquilo: se você chegou,

fez o que tinha que fazer,

não deixou nada pendente pra amanhã,

não tem por que ficar aqui – pode ir embora.

Mas, por exemplo, não dá pra virar bagunça: pontualidade é uma coisa fundamental.

Entendi.

E estar na beca é importante também. Não na beca, porque aqui a gente não tem uniforme

(tem uma camisa, mas ninguém usa porque todo mundo acha feia)

mas vir arrumadinho demais também é esquisito. Por exemplo,

bota uma calça bacana (evita jeans)

e

uma camisa que você tenha que seja mais informal,

não vai ter problema.

Entendi.

Aqui a gente ainda não tem vestiário, a sede é pequena.

Tenta vir arrumado de casa.

Se for malhar, dar um mergulho ou correr na praia na hora do almoço

(tentação trabalhar com esse marzão olhando pra gente né)

dá um jeito de tomar banho na academia, por exemplo, ou em algum outro lugar

(é assim que eu faço).

Aham.

Ah, não sei se você fuma (você fuma?) Enfim, se fumar,
fuma nos fundos, na área de serviço da casa, no “fumódromo”
(não fuma na sacada da frente, o Vítor não gosta, acha que pega mal pra empresa).

Não fumo.

Horário de almoço e pausa pro café: lugar de comer é na copa, não come na sala,
jamais.

(Vítor detesta isso, fica um cheiro de comida danado)

Horário de almoço você pode tirar meio-dia ou uma hora, você que sabe.

Pausa pro café é uma só,
geralmente no meio da tarde

– na hora que o sono fica mais pesado.

(Eu falo pausa pro café mas na verdade é pausa pro lanche – não sei se você toma café.

Ou pra fazer qualquer outra coisa, sei lá:

pra fumar – não sei se você fuma,

pra lanchar,

pra tomar um ar,

pra usar o celular (não fica usando na sala),

pra descansar um pouquinho,

por exemplo.

Foi o que eu disse: o Vítor é super de boa –

só não dá pra ficar montando em cima.)

Tô ligado.

Desculpa:

qual seu nome mesmo?

DIA 5

Não sei se por ser filho de Iemanjá (ele não acreditava em religiões); ou se por gostar muito de ar livre; ou se por ficar encantado toda vez que ouvia o barulho das ondas e sentia a brisa fresca e úmida na face; ou se por ser esse o recanto para onde ele fugia sempre que queria fumar; ou se por ser de fato uma tentação olhar para a janela do escritório e dar de cara com aquele azul sem fim; ou se por, das sensações de estar livre que ele conhecia, estar no M A R era a que mais lhe marcava o espírito – fato é que todos os dias, antes de trabalhar, ia de encontro à água salgada para renovar a alma num mergulho: sereno | plácido | sem urgência. E ali às vezes se estendia por uma duas talvez três horas a mais.

Você tá atrasado – de novo.

Aham. Desculpa.

E... molhado!

Sim, vou me enxugar melhor assim que entrar.

Tô te avisando: pontualidade é importante.
E a empresa não tem vestiário!

Seguimos então até o mês de maio, quando ele adentrou minha sala com barba por fazer, cara de quem não dormia há várias noites e me intimou: “Me dá a merda do teu remédio que eu não vou bem”. Depois de dois anos, ele decidiu que era o seu momento. Perguntei a ele o que seria não estar bem. A resposta veio na lata: “Quem não está bem só pode estar mal. Coloca um remédio logo antes que eu me arrependa”. Depois dessas respostas atravessadas o homem falava sobre seu emprego sem estabilidade, das contas que não param de subir, dos dilemas com uma filha mais nova e sua desesperança em relação ao futuro.

Ontem o camarada voltou e eu questionei se ele havia melhorado. A resposta foi sumária: “Eu continuo tomando no cu, só que agora tomo no cu sem chorar”.

Fiquei tonto com a resposta. É possível tratar uma doença que se manifesta num sujeito, mas que surge pelas condições socioculturais que o circundam? Até que ponto os quadros depressivos e ansiosos são doenças propriamente ditas? Seriam eles manifestações individuais de uma crise sistêmica e estrutural da maneira como vivemos e nos relacionamos?

DIA 10

A mãe.

Em casa.

Já avisei: você vai se atrasar!
Eu não vou voltar aqui pra te dizer isso.

Então não volte. *fala baixo como quem deixa escapar entre os lábios uma verdade em que cabe toda a eternidade*

Que foi que você disse?

Nada.

Fico pensando no que vai ser de vocês quando eu e seu pai não estivermos mais aqui.

A sua irmã já vai mais ou menos encaminhada, agora você –
em vez de se mirar no exemplo dela.

Aham.
(Odeio exemplos, cada dia mais *pensa em silêncio*)

E procurar agarrar a oportunidade: empresa boa, organizadinha
nova, crescendo no mercado
(você pode subir lá dentro, crescer junto com ela)
destrancar a faculdade, voltar a estudar
fazer um cursinho de idioma (você gosta tanto de ouvir essas músicas em inglês)
demonstrar interesse
– ouço falar tão bem desse Vítor, que ele dá tanta oportunidade pra quem merece.

Sim, mãe. Eu tô aproveitando.

Sei.
Porque a vida
a gente ganha assim, filho:
na unha!

Você janta em casa?

Melhor não me esperar:
do jeito que as coisas vão lá na empresa
– só Jesus na causa.
Mas deixei comida pronta pra você, só esquentar no micro-ondas.
Final de semana a gente se vê com calma.

Mãe...
acho que não vou muito bem.

*Som de carro saindo da garagem, barulho de portão eletrônico fechando, cheiro de
mar e calor de dia que vai fazer sol.*

Vontade de chorar.

Decide levar o cachorro pra passear.

DIA 12

A/o amiga/o.

Praia.

Você não devia estar trabalhando?

DIA 16

A/o colega de trabalho.

É sério isso?

Não tô me sentindo bem.
Preciso respirar um pouco.

Tem bastante ar aqui nessa sala.

Ar condicionado?

O problema da geração de vocês é esse deboche. Meu filho é igualzinho,
impressionante!

Preciso ir.

Precisa não! Precisa nada!

Você já chegou duas horas atrasado hoje.
Tudo bem que o Vítor não tem andado muito por aqui,
mas isso não significa que ele não esteja nos vigiando.
Não reparou: tem câmera pra tudo que é lado.

Me deixa, vai.

Tô te falando isso porque me preocupo. Eu juro que não entendo.
Tento, tento e não entra na minha cabeça.

Não precisa entender. Eu tô indo.

Pra onde? O que eu digo pra ele se ele der sua falta?

Que amanhã eu tô de volta.
Se estiver melhor.
E se o dia não estiver tão bonito
– tô brincando.

O capitalismo trouxe consigo o ideal de que é possível vencer, caso alguém se esforce o bastante. Ele se alimenta de fenômenos individuais para que o conjunto da população acredite na veracidade da meritocracia. Anitta é um exemplo claro disso. Ela inconscientemente diz a várias meninas periféricas que é possível vencer. O futebol

também nos empresta alguns exemplos de ascensão econômica meteórica como forma de manter uma esperança no sistema. Questionamos a nós mesmos quando não conseguimos e não ao sistema e seus enormes gargalos.

O que eu tenho visto dia e noite no meu consultório são pessoas que acreditaram nessa falsa premissa do capitalismo – e olhe que muitas se dizem até de esquerda/socialistas e não se percebem vivendo psicologicamente nesse tempo, nessa lógica – e agora se encontram numa crise. A crise da culpa. Se o sucesso é mérito seu, o fracasso também é. Não sobra tempo e espaço para refletir quais os entraves estruturais e sistêmicos levaram as pessoas ao fracasso. Não há espaço para se discutir o que é o fracasso. As empresas, com as reformas implantadas nos últimos anos, conseguem uma rotatividade ainda maior de funcionários e não se preocupam com a exaustão deles. Tiram até o último caldo. Qualquer coisa, poderá haver uma troca. É a coisificação do ser humano, da sua subjetividade. As pessoas passam a ter valor de coisa e podem ser sumariamente trocadas sem grandes prejuízos para a grande engrenagem.

Ele agora está em frente ao mar. Outra vez. Ele respira fundo, inflando bem os pulmões de um ar salgado | gélido | marinho. Ele olha ao redor e vê a praia semivazia. Alguns poucos senhores e senhoras de idade (provavelmente aposentados), moradores de rua e seus cães, gaivotas, banhistas solitários e alguns outros cães sem dono – em geral, brincando de perseguir as gaivotas. Ele não se pergunta porquê, mas como e o quê – objeto do tempo: futuro onde? pra que lado? com que velocidade? a que custo? Sujeito passivo | rendido | atropelado. O que é preciso para ser? Dinheiro tão-somente e só? Mas onde mais conseguiu-lo? Fonte que não seca, mas que também não jorra para todos. Quando se deu por si estava nu: em mergulho profundo. Sal na pele. Água nos orifícios. Vontade de não ser. De ser peixe. Para sempre peixe. E tão-só: bicho. Bicho de mar, bicho de terra. Bicho que não sabe, que não quer, que não sente. Mas que vive: come, dorme, ama e vive. Meta para a próxima encarnação (ele não acredita em religiões): viver. Como um bicho.

DIA 19

A/o amiga/o.

Na praia.

Ao som de Anitta.

Vai fumar mais?

Aham. Não apaga.

Como tá o trabalho?

Silêncio.

Eu falei contigo.

Olha aquela mulher, que engraçada.

Engraçado é esse teu bronzado,
pra quem largou a faculdade porque precisava trabalhar.
E olha que estamos no inverno.

Não enche.

Meus pais tão pensando em se mudar.

Silêncio. Uma gaivota corta o ar, muda.

Cê tá me ouvindo?

Vá se foder.

Vai ficar tudo bem.

Não repete isso.

No final dá tudo certo.

A gente sabe que não.

Silêncio. Um cachorro deu seu mergulho.

Hoje em dia tem skype, whatsapp; eles nem vão pra tão longe, e...

Tenho andado com vontade de me matar.
Dia e noite, desde quando acordo até a hora que vou dormir.
Às vezes penso em morrer só pra me livrar dessa vontade.

Os dois se olham. Se beijam.

Como parte desse processo, as pessoas se sentem sós. Vivem quase paranoicas com uma possível demissão. A alta competitividade, enfraquecimento das ações sindicais e a quebra dos laços de solidariedade social – fenômenos mais importantes do capitalismo – têm associação com a vertente teórica neoliberal que defende a desregulamentação do mercado, a redução do Estado na economia e na proteção social aos trabalhadores

e cidadãos. O Brasil vive uma onda neoliberalista e isso terá consequências importantes na maneira de se adoecer psiquicamente.

Pessoas que trabalham mais de 14 horas por dia, que demoram 4 horas por dia no trânsito, que cumprem metas e logo após recebem outra sem nem ter tempo para saborear o prazer de sua vitória. Pessoas que se açoitam para consumir, para produzir, para adoecer. As viagens de 15 dias cobram aos demais dias do ano uma fatura altíssima. Não há espaço para reflexão mesmo. Viver vira um ato contínuo para acordar, trabalhar, comer e dormir. O corpo vira um produto, uma máquina. O sexo se torna um produto para se ter prazer e não um encontro entre pessoas. O capitalismo diz que quem não goza o tempo inteiro está errado. A consequência são relacionamentos cada vez mais curtos, superficiais e sem o conhecimento do outro. O outro é um corpo, uma parte, mas o prazer é somente individual e não se compartilha.

DIA 23

Sobre lavar a alma: da transmutação em bicho.

Fato é que ele não quis mais largar aquela sensação. E por ali ficou, deixou-se ficar. Alguns minutos talvez horas dias. Foi preciso a mãe preocupar-se, dar parte na delegacia, ligar pra irmã nos Estados Unidos. Vasculhando bem sua praia favorita, deram com uns cachorros farejando suas roupas. E somente as roupas: tênis, jeans (ele gostava muito de jeans), sua camisa: do corpo nada. Acionaram os bombeiros e a marinha: como se encontra uma vida em tamanho azul? Era oceano pra dar e vender. Mas não foi preciso.

Da empresa ligaram.

Ele lá estava.

Nu.

E completamente

M A R E J A D O .

O mar (e o amor) sabe das coisas.

O que o capitalismo também nos traz é a sensação de que sempre é possível fazer mais, sair da zona do conforto, como dizem os coachs. Que é possível ir além. Só que essa mentira encontra até ressonância na nossa mente impregnada ideologicamente, mas não no corpo. O corpo nos dá o limite. Diz que não é possível tudo. Aí as pessoas adoecem. Têm crises de ansiedade, depressão e a tão atual Síndrome de Esgotamento

Profissional/Síndrome de Burnout. Aí as pessoas não suportam a realidade e precisam de substâncias lícitas e ilícitas para viver.

DIA 25

Vítor.

Pode entrar, rapaz.

Dá licença.

Como você está?

Silêncio.

Seu tio gosta muito de você, sabia?
Te recomendou tanto: disse que você é inteligente.

Aham.

O plano de saúde tem funcionado direitinho?
Eu me certifiquei pessoalmente de que ele cobrisse também a parte psicológica.

Aham. Tem, sim.

E você...
tem ido?

Aonde?

À psicóloga?

Sim.

Fico feliz.

Silêncio outra vez.

O que você estudava mesmo?

Administração.

E trancou por que quis?

Sim. Não.

Sim | ou | não?

Olha, eu não sei.

E não entendo direito o que você quer.

Mas preciso ir embora.

Então, se você tem alguma coisa pra me dizer...

Tenho. Tenho, sim. Mas estava tentando ser delicado.

A gente não se conhece, nunca se viu...

Nos conhecemos, sim.

Você estava aqui no dia em que eu fui admitido.

Sim. Pode ser.

Mas o que eu estava tentando dizer é que:

mesmo eventualmente eu não estando tão presente na sala de vocês,
prezo muito pela saúde e bem-estar de cada um dos meus funcionários.

E também que...

Olha:

eu preciso mesmo ir.

pausa Que idade você tem, rapaz?

22.

Eu tenho 10 anos a mais que você. Não sou assim tão velho quanto pareço

riso cordial. não correspondido

O fato é que:

comecei a trabalhar muito cedo, fazendo de tudo.

E não me arrependo de nada.

Raras vezes fico doente.

Eu corri bastante atrás nessa vida, garoto:

e agora estou aqui.

Vê só onde eu consegui chegar.

Fico feliz que agora você esteja...

aí.

Os dois se olham.

O problema dessa geração de vocês é que é uma garotada sem noção de futuro;
que só pensa no hoje, no presente;

o amanhã parece que não existe pra vocês.

Aham.

Eu não entendo.

Me aparecer aqui sem roupa; completamente encharcado.
Agora – com toda franqueza – fico me perguntando se realmente foi surto,
ou se foi só deboche mesmo.

Os dois se olham. Outra vez.

Desculpe. Não quis me exaltar.

O fato é que:
quando a nossa empresa contrata alguém,
fica esperando que a pessoa venha a somar,
faça parte do time,
vista a camisa mesmo.

Ninguém aqui usa a camisa, porque todo mundo acha feia.

Um último silêncio.

Você sabe por que eu te chamei aqui.

Sei.

Então estamos conversados.
Você pode voltar amanhã direto no RH –
e não precisa se preocupar:
você terá todos os seus direitos garantidos.

Aham.

*Vítor ainda o observa, como se investindo num último esforço em tentar compreendê-lo.
Não alcança. É tomado por súbita fúria, mas consegue, tão subitamente quanto,
controlá-la.*

Já ele, caminha em direção à porta. Para quando está bem próximo a ela.

Vítor.

Sim?

Nada. Nada não.
É só que,

quando tiver a sua idade,
eu espero
sinceramente
pausa
estar no mar.
Ou bem próximo a ele.
E acho que,
pra hoje,
pausa
é só isso que eu espero mesmo.

Vítor o olha. detidamente
E é pra lá que você vai agora.

Sim.

Você tem companhia?

num sopro Não.

num gesto Se importa se eu for com você?

Tenho repensado muito a minha prática a partir dessas reflexões. Caso não faça isso, virarei um simples prescritor. Quiçá um traficante de drogas legais. Ser médico vai além de saber medicar. Ontem, quando meu paciente saiu, eu falei que havia aprendido muito com a sinceridade dele. A sua resposta foi assim: “Então na próxima o senhor me paga a consulta ao invés de eu te pagar. Ando com umas contas atrasadas e vai ser de grande valia”. Sorrimos juntos e eu pude perceber que não foi o remédio o responsável por isso.